

VIGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA MORTE DE JOSÉ AFONSO

Senhor Presidente da Assembleia
Senhores Membros do Governo
Senhores Deputados

José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos nasceu a 2 de Agosto de 1929, em Aveiro, *"na parte da cidade voltada para o realismo e para o mar"*.

Quando o pai, José Nepomuceno Afonso, foi colocado em Angola, em 1930, como delegado do Procurador da República, Zeca Afonso permaneceu em Aveiro por razões de saúde, rodeado da ternura fraterna das primas e dos tios.

De 1932 a 1937 José Afonso viveu com os pais e irmãos em Angola, deslumbrando-se com a imensidão africana. A relação física com a natureza causou-lhe uma profunda ligação ao continente africano que se reflectirá pela sua vida fora. As trovoadas, os grandes rios atravessados em jangadas, a floresta esconderam-lhe a realidade colonial. Só anos mais tarde, ao exercer a docência em Moçambique, conhecerá a fotografia amarga da sociedade colonial moldada ao estilo do *"apartheid"* de Pretória.

Quando voltou para o continente, em 1938, José Afonso foi para casa do tio Filomeno, então presidente da Câmara, em Belmonte.

Em Belmonte, Zeca Afonso completou a instrução primária e viveu o ambiente mais profundo do salazarismo, de que seu tio era fervoroso admirador. *"Foi o ano mais desgraçado da minha vida"*, confidenciou. Pró-franquista e pró-hitleriano, o tio de José Afonso levou-o a envergar a farda da Mocidade Portuguesa. Mas com a chegada a Coimbra em 1940, instalado em casa de uma tia devota, as suas pulsões mais íntimas sobrepuseram-se às influências familiares.

José Afonso começa a cantar por volta do quinto ano do Liceu D. João III e a sua voz ecoa pela cidade velha. Os tradicionalistas reconheciam-no como um *bicho* que canta bem.

Em Coimbra passa pelas Repúblicas, onde conheceu a amizade e a farra académica. Seduzido pela cidade tem os primeiros contactos com clubes recreativos, joga futebol na Académica e acompanha a equipa um pouco por toda a parte.

Nas colectividades conhece *"gajos populares"*, entre os quais Flávio Rodrigues, que admira como exímio tocador de guitarra, para si superior a Artur Paredes. Inicia-se em serenatas e canta em *"festarolas de aldeia. Um sujeito qualquer queria convidar uns tantos estudantes de Coimbra, enchia-lhes a barriga e a malta cantava..."*

Como estudante integrou várias comitivas do Orfeão Académico de Coimbra e da Tuna Académica da Universidade de Coimbra, nomeadamente em digressões pelo Continente, por Angola e Moçambique. O fado de Coimbra lírico e tradicional era por ele superiormente interpretado. A

praxe académica e a boémia encheu-lhe tardes e noites gloriosamente Coimbrãs. José Afonso foi envolvido pela lenda coimbrã, com o encantamento das suas tradições.

Em 1958 José Afonso grava o seu primeiro disco "*Baladas de Coimbra*" enquanto acompanha o movimento em torno da candidatura presidencial de Humberto Delgado. Mais tarde grava "*Os Vampiros*" que, juntamente com "*Trova do Vento que Passa*", escrita por Manuel Alegre e cantada por Adriano Correia de Oliveira, constituem um marco fundamental da canção de intervenção e da resistência anti-fascista.

Em 1964 parte para Moçambique. Como professor do liceu desenvolve uma intensa actividade política contra o colonialismo, o que lhe traz problemas com a PIDE e com a administração colonial. Mais tarde regressa a Portugal onde é colocado como professor em Setúbal, mas posteriormente é expulso do ensino. Para sobreviver dá explicações e grava o seu primeiro LP, "*Baladas e Canções*".

Se há canções do Zeca que nos marcam pela sua beleza e pelo seu grito de revolta contra uma guerra colonial onde todos os da minha geração perdemos familiares ou amigos, gostaria de vos ler o seguinte poema:

Menina Dos Olhos Tristes

Composição: José Afonso

Menina dos olhos tristes
o que tanto a faz chorar
o soldadinho não volta
do outro lado do mar

Vamos senhor pensativo
olhe o cachimbo a apagar
o soldadinho não volta
do outro lado do mar

Senhora de olhos cansados
porque a fadiga o tear
o soldadinho não volta
do outro lado do mar

Anda bem triste um amigo
uma carta o fez chorar
o soldadinho não volta
do outro lado do mar

A lua que é viajante
é que nos pode informar
o soldadinho já volta
está mesmo quase a chegar

Vem numa caixa de pinho
do outro lado do mar
desta vez o soldadinho
nunca mais se faz ao mar

Em 1967-70, Zeca protagoniza uma intervenção política e musical ímpar, convertendo-se num símbolo da resistência. Várias vezes detido pela PIDE, mantém contactos com a Luar, PCP e esquerda radical. Em 69 participa no 1o Encontro da "Chanson Portugaise de Combat" em Paris e empenha-se fortemente na eleição de deputados à Assembleia Nacional da CDE de Setúbal, gravando também o LP "[Cantares do Andarilho](#)", recebendo o prémio da Casa da Imprensa pelo melhor disco do ano, e o prémio da melhor interpretação. Alvo de censura José Afonso passa a ser tratado nos jornais por Esoj Osnofa!

Com os arranjos de José Mário Branco, em 1971, edita "[Cantigas do Maio](#)", Neste álbum surge "[Grândola Vila Morena](#)" que se tornará um símbolo da revolução de Abril. Desde então Zeca participa em vários festivais. É publicado o livro "José Afonso", coordenado por Viale Moutinho. É lançado o LP "[Eu vou ser como a toupeira](#)". Em 1973 canta no III Congresso da Oposição Democrática e grava "[Venham mais cinco](#)".

Após a Revolução dos Cravos, participa em numerosos "cantos livres" e grava o LP "[Coro dos Tribunais](#)", onde conta com a colaboração de Fausto, Adriano Correia de Oliveira, Vitorino e José Niza, entre outros. Em 1975 canta em inúmeros espectáculos de dança e lança "[Com as minhas tamanquinas](#)".

Em 1976 apoia Otelo Saraiva de Carvalho na candidatura à presidência da república. Em 1981 Actua no Theatre De La Ville de Paris, compõe a música de "Fernão Mendes" para a "Barraca" e grava "[Enquanto há força](#)" e "[Fura fura](#)".

Em 1985 José Afonso já se encontra doente. O Coliseu de Lisboa é o palco do seu último espectáculo. As homenagens multiplicam-se e é condecorado com a Ordem da Liberdade. Já muito enfermo, em 1985, apoia a candidatura de Lourdes Pintassilgo à Presidência da República. É editado o seu último disco, *Galinhas do Mato*.

José Afonso morreu no dia 23 de Fevereiro de 1987, no Hospital de Setúbal, às 3 horas da madrugada, vítima de esclerose lateral amiotrófica.

Senhor Presidente da Assembleia
Senhores Membros do Governo
Senhores Deputados

Fez no dia 23 de Fevereiro de 2007, 20 anos que José Afonso nos deixou vítima de doença incurável. Além de ser, a par de Adriano Correia de Oliveira, um dos mentores da canção de intervenção em Portugal e um baladeiro/compositor notável, soube conciliar a música popular portuguesa e os temas tradicionais com a palavra de protesto. Zeca trilhou, desde sempre, um percurso de coerência. Na recusa permanente do caminho mais fácil, da acomodação, no combate ao fascismo salazarento, na denúncia dos oportunistas, dos "vampiros" que destroçaram Abril, no canto da cidade sem muros nem ameias, da "utopia". Injustiçado por estar contra a corrente, morreu pobre e abandonado pelas instituições. Mas, não temos dúvidas, a voz de "Grândola" perdurará para lá de todos os chacais.

Como democrata e defensor de ABRIL não ficaria bem comigo próprio se não prestasse esta singela homenagem ao José Afonso nesta Assembleia, símbolo maior da Democracia e da Autonomia. Como a tua poesia nos move e nos comove, obrigado José Afonso por tudo o que nos deixaste. Disse.

Horta, 7 de Março de 2007

O Deputado Regional

Nuno Amaral